

VILÉM FLUSSER

Diálogo sobre "Há filosofia no Brasil",
publicado em RBF número 65.

Em carta de 26 de junho expõe o prof. Nelson Saldanha, do IBF de Recife, o enfoque paroquial, (paulista), do meu artigo epigrafado. Agradeço a oportunidade que assim me proporcionou para desenvolver um pouco o tema, que é este: "Há filosofia no Brasil, ou há apenas um falar acerca e sobre filosofia?" Em outras palavras: temos filósofos, ou temos apenas professores de filosofia? É preciso encarar esta pergunta de forma mais franca que aquela que escolhi no artigo discutido.

Escrevi o artigo na Alemanha e publiquei na Frankfurter Allgemeine Zeitung. Poda esta circunstância, e dada a minha missão, (divulgar o pensamento brasileiro no exterior), procurei argumentar em prol de uma resposta afirmativa à pergunta proposta. Partí, portanto, de um paroquialismo não tanto paulista, mas brasileiro. Transformei o Brasil em meu bairro. E o meu artigo é uma apologia do meu bairro. Não creio que o "bias" apologético falsificou meu argumento. Estou convencido que os três pensadores que me serviam como demonstrações da minha tese são filósofos no significado estrito do termo. E concordo com o prof. Saldanha que os três exemplos não esgotam a cena, e que outros poderiam ter sido escolhidos, (não necessariamente paulistas). Mas, a despeito disto, a pergunta continua a preocupar-me. Minha preocupação é esta: bastam filósofos exemplares para que se possa responder afirmativamente à pergunta? Ou não seria necessário, para tanto, um determinado clima filosófico que nos falta? Não teria exagerado ao responder afirmativamente, e não estaria o prof. Saldanha exagerando ainda mais, movidos, ambos nós, por paroquialismo? Esta pergunta transforma a apologia em crítica, e é melhor que esta se faça na nossa revista, e não no estrangeiro.

Esta discussão mesma entre o prof. Saldanha e mim está se dando num clima extra filosófico, e estranho à verdadeira filosofia. Pecamos, creio, ambos, e o fazemos em diversos sentidos. Em primeiro lugar não definimos o termo "filosofia". Qualquer que seja a definição, certamente excluirá a maioria dos pensadores brasileiros que são denominados "filósofos" nas diversas tentativas de escrever-se acerca da filosofia brasileira. Em segundo lugar estamos mais preocupados com o Brasil que com filosofia na nossa tentativa de dar um resposta. Em terceiro lugar estamos preocupados mais com os filósofos que com a filosofia. E em quarto lugar, (no caso do prof. Saldanha), estamos preocupados com a distribuição geográfica da filosofia no Brasil, e não na distribuição intelectual dos brasileiros no território da filosofia. E os nossos pecados contra a filosofia poderiam ser multiplicados. Como o prof. Saldanha é um digno representante da intelectualidade brasileiro, e como eu me esforço, com meus meios modestos, para filosofar, isto prova a fragilidade do clima filosófico brasileiro.

Se o prof. Saldanha tivesse argumentado contra a minha maneira de expor o pensamento dos três exemplos escolhidos, e se tivesse citado contra mim outros pensadores, (paulistas ou não, brasileiros ou não), teria sido filosófico o clima do nosso argumento. Mas, caracteristicamente, desviou o argumento para

VILÉM FLUSSER

geografia. E esta tendencia para a desconversa do problema filosófica é infelizmente um dos aspectos da nossa cena. Fala-se sobre a filosofia brasileira de pontos de vista políticos, sociais, nacionais, (e de outros pontos de vista extra filosóficos), como que para encobrir a pobreza interna dessa filosofia qua filosofia. (Lembro, neste contexto, a recente tentativa, empreendida pelo prof. L.W. VITA, de classificar o pensamento filosófico brasileiro de ponto de vista do "engagement" político dos vários pensadores.) Esta nossa tendencia para a desconversa prove, a meu ver, a nossa imaturidade em filosofia, e o quanto é difícil responder afirmativamente à nossa pergunta.

Discutamos filosofia. Briguemos. Não digamos: o prof. Reale é filósofo, graças a Deus. E graças a Deus há outros em Pernambuco. Mas lancemo-nos contra a onto-gnoscologia do prof. Reale, e contra o seu historicismo. Procuremos descobrir-lhes falhas, e opôr-lhe outros conceitos. Não aceitemos a cosmovisão do prof. Hegenberg, mas partamos dela para outras. Aceitemos o desafio que Vicente Ferreira da Silva nos lançou, não cantemos os seus louvores. E façamos isto com todo pensamento autentico que descobrimos na nossa cena, (como tive a felicidade de descobrir em Benedito Nunes, que não é paulista mas paráense). Assim criaremos um clima filosófico que poderá formar a base para articulações que futuramente poderão vir a ser chamados "pensamento brasileiro". Mas não nos preocupemos demais com a brasilidade, (ou pernambucanidade) desse pensamento. Preocupemo-nos com o pensamento. portanto: Há filosofia no Brasil? Há, e haverá, se quisermos e se pudermos.

Sei que desviei o tema levantado pelo prof. Saldanha. procurei desviá-lo da geografia para a filosofia. Por isto a minha argumentação poderá ser considerada impertinente. Mas nutro a esperança que o prof. Saldanha aceite o meu desafio e se transporte, comigo, para o terreno por mim escolhido. Por exemplo que discuta comigo (não o fato do prof. Hegenberg morar em São José dos Campos), mas o fato de definir ele a validade das sentenças como a define. Não o fato de ser o prof. Reale paulista, (embora de fama mundial), mas o fato de ele conceber o homem como historicamente condicionado. Se o prof. Saldanha aceitar o meu desafio, será um grande proveito para a nossa filosofia, e para mim será uma grande honra.